

De Escravo a Herdeiro: Um Destino entre Gerações

Vera Maria H. Pereira de Mello

Candidata Egressa do Instituto de
Psicanálise da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Porto Alegre
(SBPdePA)

Ana Rosa C. Trachtenberg

Membro Titular em Função
Didática da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Porto Alegre
(SBPdePA)

Cynara Cezar Kopittke

Candidata do Instituto de Psicanálise
da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Porto Alegre
(SBPdePA)

Denise Zimpek Pereira

Candidata Egressa do Instituto de
Psicanálise da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Porto Alegre
(SBPdePA)

Maria Isabel Perez Mattos

Candidata Egressa do Instituto de
Psicanálise da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Porto Alegre
(SBPdePA)
Professora do Curso de Psicologia da
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Vera Chem

Membro Associado da Sociedade
Brasileira de Psicanálise de Porto
Alegre (SBPdePA)

*O retrato não me responde,
Ele me fita
E se contempla
Nos meus olhos empoeirados.
E no cristal se multiplicam.
Os parentes mortos e vivos.
Já não distingo os que se fo-
ram,
Dos que restaram.
Percebo apenas a
Estranha idéia de família
Viajando através da carne.*
Carlos Drummond de Andrade
(Retratos de família, p.83-84)

Este trabalho surgiu como uma
tentativa de buscarmos, na teoria
clássica e contemporânea, elemen-
tos que viessem a esclarecer dúvi-
das e inquietações que o estudo da

transgeracionalidade nos tem provocado. Tornou-se imperiosa, para nós, a investigação referente à forma de como são transferidos os conteúdos de um psiquismo ao outro, atravessando gerações e estruturando patologias.

Parafraseando Freud, em sua conhecida afirmação sobre os sonhos, poderíamos dizer que é a identificação, nas suas mais variadas formas, a “via régia” (ou *princeps*) de transmissão de vida psíquica entre sujeitos e entre gerações.

Apoiadas nessa asseveração, este estudo nos levou aos desdobramentos que o conceito de identificação sofreu, tanto em Freud, Klein e Ferenczi, como nos autores que focaram suas investigações sobre as questões da transmissão psíquica, como Abraham e Torok, Kaës e Faimberg.

Os conteúdos psíquicos passíveis de serem transferidos são, segundo Kaës (1997), as configurações de objetos (afetos, representações, fantasias), ou seja, objetos providos de seus enlaces e que incluem sistemas de relação de objeto. Esse autor distingue duas formas de transmissão: a *intersubjetiva*, que aponta para conteúdos que podem ser transpostos e transformados de um indivíduo a outro ou de geração a geração; é um tipo de transmissão que transita num espaço subjetivo, onde são respeitados os espaços individuais e enunciadas as proibições fundamentais, possibilitando a cada sujeito do grupo familiar a atividade de representação, como o complexo de Édipo. Já a segunda, a transmissão *transpsíquica*, não respeita os limites e os espaços subjetivos; aqui, as exigências narcísicas são predominantes.

A questão da transmissão foi tratada por Freud, em *Totem e tabu* (1913); ali ele entendeu que o poder de transmissibilidade do tabu, considerado o código de leis não escrito mais antigo da humanidade, tem, ao mesmo tempo, o caráter de algo sagrado e de algo impuro, de onde advém a proibição de sua violação. A idéia do poder da transmissão por contágio fica explícita nas conseqüências produzidas naqueles que violam as proibições, como se toda a carga perigosa do tabu tivesse sido transferida para o transgressor. A força grupal é, nesse caso, o vetor estruturante desses interditos necessários para que a sociedade sobreviva, e o sujeito individual é

apresentado como incipiente. Esse homem primitivo fica totalmente submetido ao grupo, uma vez que certas violações são punidas com o desamparo (exclusão do grupo) e a morte.

O “mana” – poder atribuído ao tabu – é relacionado aos poderes da mente, ou seja, aos poderes dos próprios desejos proibidos, como sendo capazes de induzir à transgressão da proibição. Temos, aqui, um exemplo claro de *transmissão transpsíquica* – pois o poder de contágio e destruição atribuído ao totem, capaz de adoecer aquele que o tocar, aponta para um tipo de transmissão onde os limites e espaços psíquicos ficam abolidos.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), Freud já articulara o conceito de identificação, dando destaque ao papel do psiquismo dos pais, que transferem ao bebê seu narcisismo infantil, reivindicando que realize, em seu nome, os desejos a que tiveram de renunciar.

A identificação narcísica elaborada em *Luto e melancolia* (1917) tem sido um dos eixos em que se apoiam os trabalhos sobre transmissão psíquica. A identificação que ocorre na melancolia tem sua origem numa perda de objeto, escolhido em base narcísica e ambivalentemente amado. A libido que estivera investida nos objetos é, agora, retirada para o próprio ego, dando origem às auto-acusações e sentimentos de menos valia presentes no melancólico. Daí decorre a clássica afirmativa: “*Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego*” (p.281).

Já em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), Freud ampliou o conceito de identificação e nos propõe olhar para a psicologia dos grupos antes de nos determos na psicologia individual. O amor e a hipnose serão resultantes da idealização do objeto, quando a libido narcísica transborda para o objeto, passando a ser um sucedâneo de algum inatingido ideal de nós mesmos, fazendo prevalecer uma sujeição humilde ao objeto amado. No amor, há uma identificação com o objeto, com cujas propriedades o ego pode se enriquecer, pois o introjetou em si. Entretanto, tanto na fascinação, ou servidão, como na hipnose, o ego empobreceu-se, substituiu o seu constituinte mais importante pelo objeto. A hipnose conta com um elemento fundamental para seu êxito: a paralisia – derivada da relação entre alguém

com poderes e alguém que está sem poder e *desamparado*. Aqui, novamente vemos que o vínculo emocional e o desamparo da criança frente aos seus genitores parecem constituir, para Freud, os fundamentos mais primitivos dos processos de identificação, de onde emanam as transmissões inconscientes de um indivíduo para outro e de geração para geração, formando a base para o funcionamento intrapsíquico.

Dentre os discípulos de Freud, Ferenczi (1909, 1912, 1933) foi um dos autores que mais se dedicou a estudos concernentes à identificação. A introjeção, conceito criado por ele, seria o caminho para a identificação, operando num vaivém entre o narcísico e o objetal, o que envolve uma expansão do ego. Ferenczi descreve a posição infantil de submissão da criança ao adulto, justificando o fato de que ela se encontra altamente sugestionável. A criança não pode abrir mão da ternura e, portanto, se identifica mesmo em situações de agressão. Frente a vivências traumáticas, a criança não se defende; sua personalidade fracamente desenvolvida ainda assim se identifica, toma a realidade exterior e a torna parte de seu intrapsíquico. Esse tipo de vivência gera sentimentos, tão bem expressos nos versos do poema “Estética do artifício”, de Fernando Pessoa:

“Vivo esteticamente em outro. Esculpi a minha vida como a uma estátua de matéria alheia ao meu ser. Às vezes não me reconheço, tão exterior me pus a mim próprio. Quem sou por detrás desta irrealidade? Não sei. Devo ser alguém...”

A Psicopatologianos defronta com uma espécie de legado transgeracional em que impera um funcionamento narcísico, sem respeito às diferenças e aos espaços subjetivos. Heranças arcaicas podem se tornar poderosas na forma de fantasmas que habitam um ou mais membros de um grupo, predominantemente o familiar, pela impossibilidade de um luto ou por falhas nas regras de filiação.

Partindo de duas âncoras distintas – o luto patológico, por um lado, (Abraham e Torok) e transtornos do narcisismo, por outro (Faimberg) –,

podemos acompanhar estes autores na original e criativa descrição de conceitos que entendemos como complementares. Naturalmente, luto patológico e narcisismo estão perfeitamente entrelaçados. Preferimos separá-los, aqui, unicamente para ressaltar o que nos pareceu predominante nos referidos autores.

Para Abraham e Torok, o conceito de identificação tem um papel secundário, ao passo que o de introjeção ocupa um lugar destacado. Consideram que o *“resultado da introjeção é uma relação com o objeto interno, enquanto que o de identificação é a designação de um lugar eleito momentaneamente como domicílio, pelo sujeito”* (apud Landa, 1999, p.130).

A identificação *“é um processo pelo qual o sujeito pode se deslocar e ocupar diferentes posições”* (Landa, 1999, p.26), diferentemente da introjeção, que indica a via dos conflitos entre sujeito e objeto, a problemática do dentro e do fora, do estrangeiro e do próprio.

Pessoa, em um de seus poemas, confirma:

*“Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto ignoro
Quem é que pensa ou sente.
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.
Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos.
Faça-os calar: eu falo”.*

Abraham e Torok consideram a introjeção como “da ordem do crescimento”, pois expande o ego e o enriquece, introduzindo nele a libido inconsciente, anônima ou recalcada. O que é introjetado não é o objeto em si, mas o conjunto das pulsões e de suas vicissitudes, do qual o ego é pretexto e mediador. A incorporação, afirmam, tem outro destino. Ela é a consequência da perda do objeto *“antes que os desejos que lhe dizem respeito*

sejam liberados” (Abraham e Torok, apud Landa, 1999, p.209), substituindo a introjeção que não ocorreu. É um processo mágico, que obedece ao princípio do prazer e acontece num estágio próximo ao da realização alucinatória.

Explicam, dizendo que as perdas narcísicas que têm a incorporação como destino são aquelas que não puderam ser confessadas como perdas. Nesses casos, não aconteceu a introjeção do objeto perdido, surgindo a incorporação como uma denegação radical, pois o sujeito “finge” que nada foi perdido. As palavras não ditas, as lágrimas não derramadas, as cenas não lembradas são “engolidas e postas em conserva”. Este luto indizível instala no interior do sujeito uma sepultura secreta, dando origem a uma fumaça, onde repousa, de uma forma viva, o correlato objetual da perda, como pessoa completa que tornou inviável a introjeção. Cria-se um mundo fantástico, inconsciente, que possui uma vida separada e oculta.

A partir dessas idéias, Abraham e Torok (apud Landa, 1999) formularam a metapsicologia da cripta, mostrando-nos um sistema intratópico (entre PCS-CS) ocupado por aquilo que, no sujeito, através do mecanismo da incorporação, resultou de um luto mal elaborado. Descritivamente, seria um espaço mental que detém algo que é potencial e provavelmente passível de ser clivado pelo sujeito, tornado-se uma “separata” do restante de sua vida psíquica.

Nos versos do poema “Convívio”, de Carlos Drummond de Andrade, esses conceitos encontram-se expressos de uma forma mais poética:

*“Há que renunciar a todos a procura.
Não os encontraríamos, ao encontrá-los.
Ter e não ter em nós um vaso sagrado,
um depósito, uma presença contínua,
esta é nossa condição, enquanto,
sem condições, transitamos
e julgamos amar
e calamo-nos.*

Ou talvez existamos somente neles, que são omissos, e nossa existência apenas uma forma impura de silêncio, que preferiram”.

Seguindo nosso rastreamento do conceito de identificação, encontramos em Melanie Klein (1946) o conceito de identificação projetiva, que consistiria em um mecanismo bastante primitivo, utilizado em sua intensidade máxima nos primeiros instantes de vida, o que faria que, em momentos regressivos, fosse novamente acionado. Essas relações teriam como peculiaridade o fato de apresentarem caráter narcisista e seriam precursoras da identificação, mais do que uma identificação verdadeira.

Acreditamos que este movimento pode ser percebido nos versos do poema “Convívio”, de Drummond:

“Cada dia que passo incorporo mais esta verdade, de que eles não vivem senão em nós e por isso vivem tão pouco: tão intervalado, tão débil.

Fora de nós é que talvez deixaram de viver, para o que se chama tempo

E essa eternidade negativa não nos desola.

Pouco e mal que elas vivam, dentro de nós é vida não obstante.

E lá não enfrentamos a morte, de sempre trazê-la conosco.

Mas como estão longe, ao mesmo tempo que nossos atuais habitantes e nossos hóspedes e nossos tecidos e a circulação nossa!

A mais tênue forma exterior nos atinge.

O próximo existe. O pássaro existe.

E eles também existem, mas que oblíquos! E mesmo sorrindo que disfarçados”.

Nos versos “*Mas como estão longe, ao mesmo tempo que nossos atuais habitantes e nossos hóspedes e nossos tecidos e a circulação nossa*”, podemos observar o caráter de indiscriminação que o processo de identificação projetiva propõe. Essa identificação teria, então, como mola propulsora, a tentativa do sujeito de livrar-se das partes do seu *self*,

freqüentemente sentidas como “más”, e de depositá-las no objeto, de modo que pudesse controlá-lo, possuindo-o. A esse movimento de ejeção de partes do *self* no objeto, fazendo com que não haja uma delimitação clara entre sujeito e objeto, poderíamos atribuir a dimensão identificatória do processo (de identificação projetiva), que teria como característica ser de ordem confusional, como tão bem descreve Drummond no verso “*fora de nós é que talvez deixaram de viver, para o que se chama tempo*”. A questão da ausência da passagem do tempo é referida neste verso, e isso nos remete tanto ao aspecto narcisista da identificação projetiva, quanto ao aspecto da identificação alienante, conceito de Faimberg (Kaës, 1996). Em ambos os conceitos, observamos o movimento, que tem como função evitar a separação, a passagem do tempo e a negação da morte.

Novamente Drummond nos inspira, através de seu poema “Perguntas”:

*“Numa incerta hora fria
perguntei ao fantasma
que força nos prendia
ele a mim, presumo
estar livre de tudo,
eu a ele, gasoso,
todavia palpável
na sombra que projeta sobre meu ser inteiro:
um ao outro, cativos
desse mesmo princípio
ou desse enigma
que distrai ou concentra
e renova e matiza,
prolongando-a no espaço
uma angústia no tempo.”*

Neste momento, refletimos acerca das elaborações teóricas de Faimberg (Kaës, 1996) sobre identificação narcisista inconsciente alienante, mecanismo promotor do fenômeno descrito pela autora como “telescopagem das gerações”. Tendo como modelo as bonecas russas – Matryoshkas –, em que uma vai se encaixando na outra, vemos um acento na regulação narcisista (apropriação e intrusão) dos genitores sobre seus descendentes, onde tudo o que merece ser amado é ego, e tudo o que não é aceito em si é não-ego. O paciente está identificado com a luta intrapsíquica dos pais, com a sua forma de solucionar os conflitos.

Pensando numa linha geracional, observamos que, através da transmissão transpsíquica de um segredo, de uma situação não vivenciada afetivamente, que pode haver sido verbalizada ou não, ocorre este movimento de uma geração a outra (envolvendo três), quando o progenitor invade a mente de seu filho, parasitando-o ativamente, com sua própria dolorosa e clivada história, tornando-o cativo de uma história que, pelo menos em parte, não é a sua. Estamos falando de um cativo (clivagem, alienação e organização psíquica em torno ao não-seu) que produz uma pobreza e um esvaziamento psíquicos e em que há, paradoxalmente, um “demasiado-cheio”, um objeto que jamais se ausenta.

O representante dessa geração-receptora de um ato psíquico que não é seu termina por se alienar de seu próprio psiquismo; de receptor passivo, porém, identifica-se solidariamente com essa parte da história de seus antepassados para cumprir uma finalidade narcisista própria. Referimo-nos, aqui, ao uso resistencial (na vida e na clínica) desse tipo de identificação para negar a diferença de gerações e, assim, negar a ferida narcisista que essa diferença representa na conflitiva edípica. Identificar-se com um avô e ser pai de seu pai, e não filho, por exemplo, é a negação da dolorosa exclusão da cena primária, bem como das ansiedades de castração.

A partir do fenômeno de encriptamento, consequência de uma relação narcísica entre sujeito e objeto, somos levados a olhar para o vetor indicado pela identificação projetiva (um dos mecanismos de defesa utilizados) e vemos que a cripta, cavalgando, atravessa gerações e gerações, invadindo

novas mentes cuidadosamente selecionadas pelo sujeito e tornando-as cativas da suposta libertação da dor mental de um antepassado.

Desta forma, nosso prisioneiro perpetua a sua condição de escravo, num tempo circular, estabelecendo vínculos que se opõem a toda representação, criando um vazio de relações de intersubjetividade. Essas identificações, inaudíveis na clínica, por longos períodos, poderão ser ouvidas através da escuta da escuta, da escuta da surpresa e da clínica do mal-entendido. Assim, elaborando reconstruções interpretativas e auxiliando nosso escravo a encontrar o caminho de seu verdadeiro legado, da elaboração da diferença de gerações e da passagem do tempo, oferecemos-lhe os instrumentos necessários para que se liberte, promovendo novos movimentos identificatórios, podendo, dessa forma, transformar-se num legítimo e criativo herdeiro.

E para concluir, um pouco mais do poema “Perguntas”, de Drummond:

*No vôo que desfere,
saliente e melancólico,
rumo da eternidade,
ele apenas responde
(se acaso é responder
a mistérios, somar-lhes
um mistério, somar-lhes
um mistério mais alto):
Amar, depois de perder”.*

Sinopse

Este trabalho surgiu como uma tentativa de buscar, nas teorias clássica e contemporânea, elementos que viessem a ampliar a questão da identificação na transmissão entre gerações. Assim, desde Freud, Ferenczi e Klein, até Abraham e Torok, além de Kaës e Faimberg, permeados por poemas de Fernando Pessoa e

Carlos Drummond de Andrade, encontramos um fio condutor para os caminhos da identificação. Parafraseando Freud, em sua conhecida afirmação sobre os sonhos, poderíamos dizer que a identificação é, em suas mais variadas formas, a “via régia” (ou *princeps*) de transmissão de vida psíquica entre gerações. Daí partimos para o estudo das transmissões intersubjetivas e transpsíquicas (Kaës), relacionando com o comportamento do homem frente ao tabu. O desamparo original do bebê e o narcisismo dos pais nos encaminham para as relações com os conceitos de introjeção (Ferenczi) e incorporação, bem como as originais idéias de luto patológico e cripta dos precursores dos estudos sobre a transgeracionalidade (Abraham e Torok). O fundante kleiniano de identificação projetiva e, mais recentemente, em Faimberg, com seu conceito de identificação narcisista inconsciente alienante, trouxe-nos novos elementos para tentar entender como sucedem as misteriosas transmissões psíquicas entre gerações.

Summary

This paper emerges as an attempt to find, in the classical and contemporary theories, elements which would enlarge the theme of identification of generation transmission. Therefore, from Freud, Ferenczi and Klein to Abraham and Torok, besides Kaës and Faimberg, through Pessoa and Drummond poems, we find a conductor wire for the identification ways. Paraphrasing Freud, in his well known statement about the dream, we could say that identification is, in its most variable forms, the transmission “royal way” (*princeps*) of the psychological life among generations. From this point of view we go on to the study of the intersubjectives and transpsychological transmissions (Kaës), relating to men’s behavior facing a taboo. The original baby weakness (abandon) and parents narcissism direct us to the links with introjection (Ferenczi) and incorporation concepts, as well as the original ideas of pathological mourning and cripta from the precursors of studies about transgeneration phenomenon (Abraham and Torok). The Klein’s ideas about projective identification and, more recently, in Faimberg, with her concept of unconscious narcissistic alienated identification, bring us new elements to try to understand how mysterious psychological transmissions among generations occur.

Sinopsis

Este trabajo surgió como un intento de buscar, en las teorías clásica y contemporánea, elementos que pudieran ampliar la cuestión de la identificación en la transmisión entre generaciones. Así, desde Freud, Ferenczi y Klein, pasando por Abraham y Torok, además de Kaës y Faimberg, con la inclusión de poemas

de Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, encontramos un hilo conductor para los caminos de la identificación. Parafraseándolo a Freud, en su conocida frase acerca de los sueños, podríamos decir que la identificación es, en su más variadas formas, la “via regia” (ó *princeps*) de transmisión de vida psíquica entre generaciones. Desde esse punto, partimos para el estudio de las transmisiones intersubjetivas y transpsíquicas (Kaës), relacionandolo com el comportamiento del hombre frente al tabu. El desamparo original del bebé y el narcisismo de los padres nos encaminan para las relaciones com los conceptos de introjección (Ferenczi) y incorporación, así como con las ideas de luto patológico y cripta, de los precursores sobre el tema (Abraham y Torok). El fundante kleiniano de identificación proyectiva, y su ampliación contemporánea – identificación narcisista inconsciente alienante – trajeron nuevos elementos para intentar entender como transcurren las misteriosas transmisiones psíquicas entre generaciones.

Palavras-chave

Identificação; Transmissão intersubjetiva; Transmissão transpsíquica; Transgeracionalidade; Incorporação; Identificação alienante; Cripta.

Key-words

Identification; Intersubjectif transmission; Transpsychological transmission; Transgenerationality; Incorporation; Alienated identification; Cripta.

Palabras-llave

Identificación; Transmisión intersubjetiva; Transmisión transpsíquica; Transgeneracionalidad; Incorporación, Identificación alienante; Cripta.

Referências

- DRUMMOND, C.D. (2001). *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record.
- FERENCZI, S. (1909). Transferência e introjeção. In: *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. (1912). O conceito de introjeção. In: *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. (1933). Confusão de línguas entre o adulto e a criança. In: *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREUD, S. (1913). Totem e tabu. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XIII.

- _____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XIV.
- _____. (1917). Luto e melancolia. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XIV.
- _____. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XVII.
- KAËS, R. (1996). Introducción al concepto de transmisión psíquica en el pensamiento de Freud. In: KAËS, R., FAIMBERG, H., HENRIQUEZ, M., BARANES, J-J. *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1997). Dispositivos psicoanalíticos y emergencias de lo generacional. In: *Lo generacional*. Buenos Aires: Amorrortu.
- KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LANDA, F. (1999). *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise*. São Paulo: UNES.
- PESSOA, F. (1999). *Poesias*. Porto Alegre: L&PM.

Bibliografia consultada

- ABRAHAM, N., TOROK, M. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- CHEM, V., MATTOS, M.I., MELLO, V.M., PEREIRA, D., TRACHTENBERG, A.R. (2001). Revisitando Sófocles: a trilogia tebana sob a lente transgeracional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.35, n.1.
- ETCHEGOYEN, H. (1985). Las vicisitudes de la identificación. *Publicaciones Previas al 34° Congreso da API*, Hamburgo, tomo XLII, n.1.
- FAIMBERG, H. (1981). El telescopaje [encaje] de las generaciones. In: KAËS, R., FAIMBERG, H., HENRIQUEZ, M., BARANES, J-J. *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- _____. (1988). A la escucha del telescopaje de las generaciones: pertinencia psicoanalítica del concepto. In: KAËS, R., FAIMBERG, H., HENRIQUEZ, M., BARANES, J-J. *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- _____. (2000). Entrevista. *Psicanálise*, Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, v.2, n.1.
- _____. (2001). *Gerações: mal-entendido e verdades históricas*. Porto Alegre: Criação Humana.
- KLEIN, M. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

DE ESCRAVO A HERDEIRO: UM DESTINO ENTRE GERAÇÕES

- _____. (1940). O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1955). Sobre a identificação. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Vera Maria H. Pereira de Mello
Av. Taquara, 193/201
90460-210 Porto Alegre – RS – Brasil
Fone/Fax: (0xx51) 3330-5989
E-mail: rmello@zaz.com.br